

Sílvia Regina Pinto

O livro *Encontro com Adorno*, publicado em 2004, é o resultado do evento de mesmo nome, realizado pela Pós-Graduação em Letras da UERJ, em dezembro de 2003, programado por um grupo de professores da Universidade como parte das comemorações pelo centenário de Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969). A iniciativa representou uma justa homenagem ao influente pensador do século XX, particularmente em sua condição de crítico irreduzível do primado da razão como forma de dominação e do progresso como um fim em si mesmo.

Adorno se tornaria um dos intelectuais mais destacados na segunda metade do século passado ao aplicar seus conceitos à obra de arte, elegendo a estética como um dos domínios mais importantes de seu pensamento e ao atribuir à criação artística uma significativa função de protesto social. A estética, território privilegiado da análise adorniana, via de regra se subordina à tese desenvolvida na *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO, 1985), do domínio do conhecimento sobre a natureza e o mito, de onde resultaria a alienação do indivíduo.

Mas a atitude filosófica que Adorno exercita em sua teoria crítica propõe uma variada multiplicidade de estudos dedicados não apenas à estética propriamente dita, mas também à crítica literária, à música, à psicologia e à análise da cultura. Ao filósofo, um dos fundadores da “Escola de Frankfurt”, deve-se a formulação do conceito de “indústria cultural”, onde a não obviedade da arte se choca frontalmente com os parâmetros aos quais deve submeter-se quando colocada entre os bens de consumo. Isso a levaria a um tipo de “fetichismo de mercadoria”, em que sua alegria se torna sintética, falsa, duvidosa, pois, na arte, nada de feliz é compatível com o arbitrariamente imposto.

O livro consta de seis textos, que se revelam preocupados em focalizar alguns dos muitíssimos aspectos da obra adorniana, sempre destacando-se o viés crítico, polêmico e indignado do filósofo, com o eviden-

te intuito dos participantes de atualizar e dinamizar questões ligadas à “indústria cultural”, ao pessimismo apocalíptico (mas carregado de ceticismo irônico), ao pensamento crítico, às relações entre lírica e sociedade, à narrativa de ficção e à obra de arte. Sobre um pouquinho de cada um deles falo a seguir.

O ensaio de Gustavo Bernardo procura dar uma dimensão talvez mais justa ao “pessimismo apocalíptico” adorniano, tentando demonstrar que, ao contrário, o filósofo estaria mais próximo de um “ceticismo irônico”, que lhe acentuaria a dimensão crítica. Buscando apoio na *Dialética do Esclarecimento*, Gustavo mostra que a dupla Adorno/Horkheimer acreditou que o preço das grandes invenções seria a ruína progressiva de uma cultura teórica. Assim, o avanço da técnica implicaria o retrocesso da reflexão teórica, levando, na opinião dos dois filósofos, ao movimento claramente dialético do indivíduo que “desaparecendo diante do espelho a que serve, se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele”. Tal contradição perversa justificaria o reconhecimento de uma aporia: “o esclarecimento destrói o esclarecimento, a modernidade devora a modernidade”.

Percebe-se ainda, segundo Gustavo Bernardo, que Adorno não é totalmente indiferente a idéias de Nietzsche, pois o pensamento adorniano procura mais experimentar a verdade do que possuí-la. Assim, ao procurar um critério para o estabelecimento da verdade, diferente daquele que a define pela adequação ao real, Adorno formularia, conforme Gustavo, um aforismo paradoxal: “verdadeiros são apenas aqueles pensamentos que não compreendem a si mesmos”, reforçando deste modo a noção de uma verdade em trânsito que necessitaria de um conjunto de procedimentos retóricos de suspensão momentânea do juízo, que o ensaísta caracterizou como “ceticismo irônico”.

Afirmar que o verdadeiro é aquilo que ainda não se compreendeu como verdade implicaria nomear o instante propriamente filosófico, transformando a filosofia numa quase irmã gêmea da arte, aquela que, nas palavras de Adorno, em *Minima Moralia* (ADORNO, 1992), se mostra de fato “magia, libertada da mentira de ser verdade”. Como algo que escapa da realidade estando, no entanto, mergulhada nela, a arte pode vibrar entre a seriedade e a alegria. É esta tensão que a constitui.

Rodrigo Duarte desenvolve sua análise a partir do tema da “Indústria Cultural” na *Teoria Estética*, observando o que denomina “detur-

pação do trágico” e “padronização do estilo”. Comenta uma “desartificação da arte”, como forte tendência da arte contemporânea a se descaracterizar enquanto criação livre, porque está sob a pressão daqueles fatos (ligados às necessidades de uma indústria cultural) que, há cerca de um século, lhe vêm roubando o papel que ela tradicionalmente teve. Ressalta que os objetivos da obra de arte e da mercadoria cultural são, na verdade antagônicos, pois a tarefa da arte é, em última análise, dar uma configuração sensível ao desejo de transcendência das pessoas, enquanto o produto da indústria cultural se encontra circunscrito à categoria dos objetos de consumo, sem projeções para além de si mesmo, ou de suas funções no interior do capitalismo tardio.

De certo modo, temos aqui, por outros caminhos, uma possível relação com a ironia cética e paradoxal levantada por Gustavo Bernardo. Através da demonstração de que a *Teoria Estética* (ADORNO, 1982) se apresenta, como analisa Rodrigo Duarte, mais aberta a certos fenômenos artísticos limítrofes da dissolução do próprio conceito de obra, fica evidente que, como diz o próprio Adorno, “sob esse aspecto, a desartificação da arte não se determina apenas como degrau da sua liquidação, mas também como tendência do seu desenvolvimento”.

O ensaio de Luiz Costa Lima passeia pelas relações analisadas por Adorno entre lírica e sociedade, destacando a dinâmica que leva o poema a expressar a “auto-imersão do sujeito a trazer à tona a objetividade do social”. O poeta, para ter êxito, dependerá, segundo Adorno, de uma “existência cindida”, que Costa Lima opõe a uma “existência plena”, para mostrar que um sujeito cindido, enquanto mero produto social, se opõe a um sujeito central, ligado a uma concepção individualista da sociedade. Adorno, ao perceber o trânsito entre o sujeito e a linguagem, certamente se dá conta de um caminho produtivo, mas, segundo Luiz Costa Lima, acaba por deixar essa via em situação bem problemática quando não explicita que, ao eleger o poema como uma tábua de salvação para o sujeito moderno, seria necessário problematizar a própria questão do sujeito moderno. De outra maneira, destaca-se apenas a forma verbal e facilita-se uma anulação da autoria.

Penso ser particularmente interessante observar como o texto de Luiz Costa Lima ressalta a questão de que não se pode apreciar devidamente uma teorização da literatura se não houver alguma prática filosófica. Evidentemente, como ele diz, não seria o caso de transformar, de for-

ma simplista, a teoria em ramo da filosofia, mas de ter consciência de que uma teoria das artes “se fragiliza se não contar com o apoio da filosofia”.

No ensaio de Ronaldo Lima Lins encontramos uma reflexão sobre a aventura desventurosa que leva à resistência do pensamento crítico, como forma de burlar o cotidiano habitual, onde precisamos estar mais interessados em agir do que em pensar nas ações. Nas percepções que nos estão disponíveis, ressalta-se a consciência da fragmentação como um dado cada vez mais presente pelas formas assumidas pela realidade. Os princípios da identidade, esgarçados pela dinâmica da indiferenciação em escala internacional, diz o professor, vêm comprometendo até mesmo as tradições de pátria e de nacionalidade, instaurando uma sensação de desarmonia com os outros e consigo mesmo. A única defesa contra isso implica um recuo para um ‘eu’ desgarrado no qual, sem outros pontos de contato, a pessoa se imagina mais ou menos segura.

Na leitura que o ensaísta faz de Paul Auster, de Jon Coetzee, e de Philip Roth, procura nos tornar testemunhas de como o amor atualiza suas aporias no mundo contemporâneo, numa “aventura da desventura” que se dá em meio aos “ingredientes de uma época liberal e dura, descontraída na aparência e explosiva, com seus direitos humanos constitucionais e assassinatos oficiais”.

Rastrear e analisar o discurso de Adorno sobre a narrativa de ficção foi o caminho escolhido por Francisco Venceslau dos Santos para refletir, a partir da *Teoria Estética* (ADORNO, 1982), sobre alguns impasses entre realidade ficcional e imaginário histórico, que dizem respeito à configuração de uma historicidade da narrativa literária. O ensaio mostra que as relações entre o verdadeiro e o falso articuladas com a historicidade das narrativas ficcionais e as razões pelas quais alguma coisa é narrada encontram-se no centro das preocupações do filósofo em questão. Contudo, este não chega a desenvolver mais amplamente uma teoria explícita da narrativa, pois suas considerações seriam muito mais propriamente dirigidas para o campo de uma teoria da arte.

Na relação entre literatura e história, ou, mais especificamente entre ficção e cultura passada, baseando-se na afirmação do filósofo: “o passado entrega-nos cada vez menos coisas boas. As reservas de cultura esgotam-se: a neutralização em reserva é o aspecto exterior da decomposição interna das obras. A sua modificação histórica estende-se igualmente ao nível formal”, Francisco Venceslau dos Santos conclui que, no territó-

rio ocupado pela História não existem garantias de sobrevivência das narrativas de ficção, e neste sentido, os romances não devem alimentar grandes ambições. Por outro lado, as narrativas seriam “devires históricos”: elas podem morrer, podem enfraquecer-se, e até desaparecer. Constituem-se pela crítica, pelo comentário e pela interpretação no palco do teatro do movimento da História.

Temos, ainda, o texto de Maria Carlota de Alencar Pires, que se preocupou com a importância dos conceitos de imanência, discurso e passagens da obra de arte, observando que, para Adorno, toda ação artística compreende um ato para si, isto é, o sujeito da ação funde-se, na arte, ao seu objeto de “tensionalidade”, em que o intrínseco e o extrínseco entre forma e fundo estreitam-se nos processos de imanência artística.

Portanto, para Adorno, é em sua imanência que uma obra de arte revela-se como singularidade, ou, de novo, como aporia, isto é, como dificuldade ou dúvida racional decorrente de uma impossibilidade objetiva na obtenção de uma resposta ou conclusão para uma determinada indagação filosófica, permitindo-se, então, uma passagem do plano subjetivo para o objeto em si, que passa a ocupar um lugar espaço-temporal.

Curioso, ainda, destacar que no final de seu texto, Gustavo Bernardo lembra que Adorno atribui ao professor uma função extremamente relevante, pois este seria o responsável por tentativas de reversão de um pouco de barbárie da humanidade, agindo contra a corrente da indústria cultural, da alienação, do preconceito, da repressão, do genocídio e da tortura, numa espécie de suspensão do juízo pedagógico para propiciar uma tentativa de ensinar “do mesmo jeito que se pensa e do mesmo jeito que se escreve, e não ... do jeito que supostamente se ensina”, isto é, sem intenção de pretender controlar o que os alunos farão de suas palavras e demonstrações.

A propósito, em *A filosofia e os Professores*, Theodor Adorno indaga: “mas podemos exigir de uma pessoa que ela voe? É possível recitar entusiasmo, a condição subjetiva mais importante da filosofia, segundo Platão, que sabia do que estava falando?”

Parafraseando o próprio Adorno, a resposta não é tão simples como pode parecer ao gesto defensivo. Pois este entusiasmo não é uma fase acidental e depende apenas da situação biológica da juventude. Aconselha, então, uma urgente leitura dos textos de Schelling sobre o método do estudo acadêmico, pois em meio à sua proposta de filosofia da identi-

dade há por descobrir muitas razões para aquilo a que teria chegado a partir de pressupostos inteiramente diferentes. Segundo o filósofo, seria espantoso como a situação do assunto, em pauta no ano de 1803, no ponto culminante do movimento filosófico alemão, não diferia tanto assim de termos mais atuais, em que a filosofia já não exerce a mesma autoridade.

Aos futuros professores não caberia tanto converter-se a algo que lhes é estranho e indiferente, mas sim seguir as necessidades que se impõem no seu trabalho, impedindo que desapareçam por pretensas imposições do estudo. O espírito encontra-se hoje numa situação mais questionável do que então, e seria estranho pregar idealismo, mesmo que ele ainda mantivesse sua atualidade filosófica perdida. Mas o próprio espírito, não se restringindo àquilo que é factual, traz em si aquele impulso de que subjetivamente se precisa. A obrigação de entregar-se ao movimento deste impulso foi subscrita por todo aquele que optou por uma profissão intelectual.

Acrescente-se, então, que aquele que hoje em dia escolhe o trabalho filosófico como profissão, deve, de início, abandonar a ilusão de que partiam antigamente os projetos filosóficos: que é possível, pela capacidade do pensamento, se apoderar da totalidade do real. Nenhuma razão legitimadora poderia se encontrar novamente em uma realidade, cuja ordem e conformação sufoca qualquer pretensão da razão. Apenas polemicamente uma realidade se apresenta como total a quem procura conhecê-la, e apenas em vestígios e ruínas mantém a esperança de que um dia venha a se tornar uma realidade correta e justa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

NUÑEZ, Carlinda Fragale P. & SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Encontro com Adorno*. Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2004.